NOTÍCIA

6 julho 2021
DCIPT

"A Gândara na obra narrativa de Carlos de Oliveira"

Livro de Mário Oliveira apresentado na Casa Carlos de Oliveira



Com todas as medidas de segurança impostas pela Direção Geral da Saúde asseguradas, cerca de 30 pessoas puderam assistir à apresentação editorial do livro "A Gândara na obra narrativa de Carlos de Oliveira", a última obra de Mário Oliveira, numa cerimónia que decorreu na Casa Carlos de Oliveira, em Febres, no passado dia 3 de julho.
Na mesa de honra, para além do autor, Mário Oliveira, esteve António Apolinário Lourenço, professor de literatura na Universidade de Coimbra, a quem coube a apresentação da obra, Pedro Cardoso, vice-presidente Câmara Municipal e Carlos Alberto Alves, presidente da Junta de Freguesia de Febres.
O vice-presidente da autarquia cantanhedense, Pedro Cardoso, congratulou-se por esta excelente iniciativa "claramente pertinente no ano em que se assinala o centenário do nascimento de Carlos de Oliveira, figura ímpar da literatura neorrealista". O responsável pelo pelouro da cultura fez questão de felicitar o autor Mário de Oliveira, "pela qualidade do projeto editorial que assinalamos hoje e pelo empenho que o mesmo colocou neste trabalho de investigação e a profundidade da reflexão" salientando ainda o "importante contributo para perpetuar o nome e a obra de Carlos de Oliveira, um mestre das letras que tanto contribuiu para dar a conhecer as vivências das gentes gandaresas, no século 20", concluiu.
António Apolinário Lourenço, professor da Universidade de Coimbra, com quem o Município tem trabalhado ao nível científico, nomeadamente na realização de iniciativas literárias sobre autores locais, realçou "o esforço desenvolvido pela autarquia de Cantanhede no sentido de, constantemente, relembrar e valorizar os escritores do concelho e a sua obra" designadamente "grande vultos e figuras incontornáveis da cultura regional e nacional, como é o caso de Jaime Cortesão (1884-1960), Augusto Abelaira (1926-2003) e, presentemente, Carlos de Oliveira

(1921-1960).”
O autor Mário Oliveira, visivelmente emocionado, partilhou com os elementos da mesa e todos os presentes “o sentimento de grande responsabilidade com que abraçou ao escrever este livro, nomeadamente pela riqueza do maravilhoso património cultural da Gândara, e particularmente de Cantanhede”. Por outro lado, o autor manifestou “a enorme satisfação pela concretização deste projeto” destacando “a felicidade por poder finalmente apresentar este livro para o qual tanto se empenhou e no qual colocou tanto trabalho pessoal”
O presidente da junta de freguesia, Carlos Alves sublinhou “a importância deste tipo de iniciativas culturais que têm vindo a ser efetuadas na Casa Carlos de Oliveira” reforçando a “vontade de tornar este espaço num importante polo de dinamização cultural de Febres”
Sobre Mário OliveiraMário Idílio Paulino de Oliveira é natural da Bunhosa, concelho de Montemor-o-Velho, onde nasceu em 1959. Licenciado em Literatura Portuguesa, é professor de Português na Escola Secundária de Cantanhede, do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria. Nas suas próprias palavras, Mário Oliveira diz-se “Nascido na Gândara, em terra areeira, solta, de bunho e água, deixada pelo mar de outrora, viveu no mato do povo, em comunhão fáunica com enguias, salamandras, rãs, cobras, ruibacos e gatos bravos, toirões – que, das aves (tantas aves!), ainda guarda o espanto infantil das cores e do canto.Em sílica, barro e cal, dali partiam adobes térreos para os muros das casas. Para trás, ia ficando a cratera, a terra nua, o charco, o poço fundo… o dilúvio de relâmpagos e trovões. O abismo era tentador no verão, mas a criança media bem a fundura, a dobra das águas, o perigo, o canto da cigarra… e, vendo os outros, sem mestre, aprendia.Tempo de vida solidária, familiar, de partilha do tempo e do fermento, de afetos e ralhos, de religião e superstição, de ladainhas para o quebranto! E sempre a terra, a experiência dos sentidos por entre milheirais, leiras fecundas de ralos e grilos, batata e feijão, sons de picachanca, fermentação de mostos, broa quente no forno, sangrinas no quintal…Isto, num tempo em que reinava o Silêncio e alguns partiam. Havia violência na casa do vizinho, a pobreza de sol a sol, a fome dos que pediam às portas, o frio sem roupa nem sola, o vício escorropichado, a dívida certa, o fiado… a miséria! O autor aprendeu a vida com tudo isto: vendo, ouvindo, sentindo, meditando (talvez daí a opção pela narrativa neo-realista de Carlos de Oliveira).Entretanto, a escola… o mundo mais largo, pouco a pouco: a primarinha (noves fora, nada; e vão quatro - quase sem palmatória, exceto quando subia aos telhados para tirar ninhos de pardal), o estudo preparatório (Armstrong pisava a Lua e havia Bonanza ao sábado), o liceu (de um Infante de Sagres que não viu – porque era já o tempo do “Trama” e Abril oferecia-se livre, em flor), a velha universidade (de noites sabatinas, de descoberta do amor e consciência de si). De permeio, a orfandade… tempo difícil, de solidão negra, quando tudo deveria ter mais encanto.Depois, o sonho dos dias, a vida lenta, a germinação de um grão, a relação fraterna, o esquecimento de si, o amor no fim. Poderia ser controlador de tráfego aéreo ou jurista, em que fez estudos. Acabou professor no ensino secundário, que “A realidade sempre é mais ou menos do que nós queremos”.